

Sociais

VISITAS

— A convite do Diretor, esteve em visita a este estabelecimento, no dia 26 de setembro, S. Excia. o Sr. Secretário da Fazenda do Estado do Espírito Santo, Dr. Armando Duarte Rabelo, acompanhado de S. Exma. esposa, D. Carmelita Rabelo. Vieram também com S. Excia. os Srs. Carlos José Lopes, fazendeiro e comerciante em Barbacena, Minas e José Hilário de Souza, funcionário municipal em Belo Horizonte.

Após o almoço, na residência do Diretor, percorreram, demoradamente, toda a Escola e, às 15 horas e meia, visitaram o Curso de Extensão de Economia Rural Doméstica, que funciona anexo a esta repartição, onde lhes foi servido um lanche, do mesmo participando, além do Sr. Diretor da Escola e sua Exma. Família, inclusive a Exma. D. Eglantine Carvalho Silveira, genitora do Diretor, os Engenheiros Agrônomos Eugênio H. Filho e Mário N. Durão.

Os visitantes demonstraram boa impressão do que viram.

— Encontra-se em visita a seu filho, Dr. João Caldas, Diretor desta Escola, a Exma. D. Eglantine Carvalho Silveira, que chegou do Ceará no dia 6 de setembro.

— De passagem para Colatina, esteve em visita a Escola, em setembro, o Engenheiro Agrônomo, paraguaio, Juan Bobadilla Vallejos, acompanhado do Dr. Euzébio Terra, Chefe da Região Norte da ACARES e do Dr. Milton José Penna, do Escritório da referida Instituição, em Santa Teresa.

O ilustre visitante é bolsista da FAO e vem de participar do Curso de Capacitação Inicial em Extensão Rural e Crédito Supervisionado, em Ipanema, São Paulo.

No Espírito Santo estagia na ACARES, interessando-se, principalmente, por assuntos de Imigração e Colonização.

Aqui, teve oportunidade de palestrar, cordialmente, com dois patrióticos seus, alunos do Curso Técnico.

— Visitou a Escola, no dia 27 de setembro, Dr. Pedro Paulo Marques, Médico residente em Colatina, fazendo-se acompanhar de S. Exma. Consorte, D. Maria Luiza e sua filha Teresa.

ANIVERSÁRIO DE ORDENAÇÃO

Recebemos comunicação que a 26 de junho, registrou-se o décimo aniversário de ordenação sacerdotal do Revmo. Pe. DANIEL CAPROTTI, Pavoiano, residente em Bananal, Município de Linhares.

Apóstolo daquela região, vêm êle, com seu trabalho pela edificação das almas, mercê de Deus, obtendo frutos promissores.

Colaborador incansável da nossa «Semana do



Lavrador», tem dado muito de seu esforço em proveito de seus paroquianos, visando a melhoria do estado de vida das populações rurais, encaminhando lavradores para esta Escola.

Ao Pe. Daniel, nossos parabéns, com os votos que fazemos de sua felicidade, sob a proteção de Maria Santíssima.

Sociais

ANIVERSÁRIOS

ALUNOS

ABRIL:

Antônio Pimentel Filho, José Teodoro Neto, Luiz Carlos M. Espindula, Arnaldo Elias Luchi, Arnóbio Luiz Baroni, José Maria Resatti, Joécio Júlio Paterlini, Edison Moreira da Silva, Antônio Carlos Carneiro, Antônio Pascoal Toniato, Waldir Bravim de Matos, Albino Rabbi, Elzio F. da Silva, João Lázaro de Oliveira e Jaime Lenzi.

MAIO:

Lourivaldo Altoé, Dery Nogueira, Cesar Ronaldo, José Augusto F. de Matos, Ademir Dalmáso, Romero Guido Frizzera, Walter Venturini, Edmilson Nascimento, Rubens P. da Silva, Joel Damasceno, Matheus José M. da Costa, Daly Schneider, Antônio M. de Souza, Ivan R. de Ataíde, Oswaldo Auer, Walter L. Valger Reisen e João Baptista Marchezi.

Junho:

Marcos Arquimedes Oliva, Carlos Dorsch Arnaldo Moysés Salviato, Antônio Orsini M. Filho, Antônio Justiniano da Cruz, Ademir Mendonça, Edson Peçanha Igreja, Aluizio Gonçalves Passos, José Ilton Simonassi, Antônio Venturini, Walter Pratisolli, Getúlio Reis, Emílio Abrahão Freitas Netto, José João Rocha e Antonio Heleodoro.

JULHO:

Paulo de T. Malta Varejão, Nizar Qbar, Gildásio L. da Rocha, Terezolino A. Soares, Edison P. da Silva Araújo, Walter Antonio Rosalém, José Osório Simonassi, Almyr R. Salles, Luiz Walter Guimarães, Arlindo N. Arndt, Levy de Vargas, Aécio P. Cardoso, Omar F. dos Santos, Agamenon L. Coutinho, Raul G. dos Santos, Florisvaldo L. dos Santos e João Alarico Lisboa.

AGOSTO:

Luiz G. M. Varejão, Hugo D. Romero, Antônio Magalhães Freire, Nélio Eller, Jayr da Silva Tavares, Jolias F. Tatagiba, Antonio Valdir Broseghini, Américo F. da Silva, Leonardo Felberg, Edson Lopes Schwartz, Jayme Siqueira de Almeida, Paranhos Barros, Luiz Carlos Zanotelli, Clésio de O. e Silva, Walmir Vicente Salviato, Nelson de B. Lima, Ivo Moreira Coelho, João Braz Pereira, Jeubert Alves Ayub, Emanuel Mendes Pereira, Celso Ruitter de Paula, Iraci A. Marchiori, Murilo Beiriz Martins e Jocarli Rocha Loureiro.

Antes de ensinar a um analfabeto as letras primárias, você deverá alertá-lo fraternalmente sobre os males da ignorância. Procedendo de tal sorte, colaborará com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

SERVIDORES

MÊS DE ABRIL:

Augusto Marin, Daniel Martins, Prof. Maria Serapião de Souza Herzog.

MÊS DE MAIO:

Anilton Martins, Aides Rodrigues, Bernadino Nobres de Pinho, Prof. Joaquim de Brito Nicolau, Lorentino Galacho, Samuel Rodrigues, Prof. Sebastião Pelúzio de Campos e Waldir de Oliveira.

MÊS DE JUNHO:

Adilia Torezani, Antônio Teles da Silva, Avellino Virgínio Guaitolini, Alceu Mário de Castro, Chefe da Contadoria, Clebes Cardoso, Carlins Vom Doelinger, Joaquim Patrício, João Silva, Jorgino Pereira da Silva, João Carvalho de Souza, Luiza Natalli, Reynaldo Dalcomo, Ramiro Monteiro de Souza e Terezinha Azuleide Tononi.

MÊS DE JULHO:

Antonio Rodrigues de Oliveira, Eufrásio Rodrigues de Oliveira, Elias Paulo da Silva, José da Silva, José de Souza Lino, Maria Gasparini Cazotti e Sebastião Ferreira dos Santos.

MÊS DE AGOSTO:

Antonio Lemos, Antenor Miguel de Souza, Almerindo Venancio, Candida Martins, João Fernandes, Luiz Z. Vivaldi e Renato Bortolini.



EXPEDIENTE

"O CULTIVADOR" é um órgão de divulgação mensal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender às classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

São seus colaboradores os professores e funcionários desta Escola.

"O CULTIVADOR" aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

Assinatura Anual — CR\$ 20,00.

CORRESPONDÊNCIA

Redação de "O CULTIVADOR"
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo

O "ENGROSSANTE" VALE QUASE NADA

Do Livro «Se a Criança Votasse...»
Dr. JOLINDO MARTINS

Naquela tarde — era uma segunda-feira — a sala de espera, contígua ao consultório, estava razoavelmente cheia. Como acontece sempre nas salas de espera de pediatras, a conversa entre as mães que aí se encontravam, versava natural e humanamente sobre seus respectivos filhos.

Gabava uma as façanhas do bebê que aos 2 meses já sorria para o papai, lamentava outra a inapetência de sua garotinha, contava aquél'outra a triste odisséia do filhinho que aos 4 anos não falava ainda e mal começava a engatinhar...

Eis senão quando, a conversa descambou para a alimentação dos filhos e generalizou-se, contagiando e arrancando do silêncio até aquelas mães tímidas que ainda não tinham se manifestado senão com sorrisos polidos, naquela tertúlia espontânea de sala de espera.

Tamanha foi a «alauza» que quase não nos era possível dar atenção à criança que examinávamos no momento. E por mais que nos esforçássemos, para fazer «ouvidos de mercador» àquele vozeiros; percebemos nitidamente que dois grupos de opinião se entrecrocavam lá fora.

Pensámos a princípio que eram as «torcidas» organizadas de dois grandes «times» de futebol que ali se degladiavam. Esforçámo-nos por ouvir palavras assim como Vasco ou Flamengo, mas nada disso escutámos. Aos poucos, o ouvido foi se adaptando e verificámos que, em parte, não nos enganáramos; erám mesmo as adeptas irreconciliáveis de dois «times», que detratavam reciprocamente as qualidades do preferido da outra «torcida».

A «torcida» do creme de arroz metia o pau na maizena sem qualquer piedade; e a «torcida» da maizena dizia o diabo contra o creme de arroz. Era um violento Vasco x Flamengo no qual «não tinham vez» as vozes apagadas de um modesto Canto do Rio ou de um pobre Bonucesso, ali representados pela araruta e pelo trigo.

- Eu só dou creme de arroz ao meu...
- Pois o engrossante que eu uso é a maizena...
- Mas a maizena resseca muito...
- Ah! o creme de arroz é muito fresco!
- Pois o meu teve uma intoxicação tão grande com a maizena que quase morreu...
- Com o creme de arroz não quero

mais nada; matou o meu primeiro com o «desande que provocou».

Resolvemos interferir e interromper a «pugna».

Na qualidade de «técnico», não ameaçamos ninguém com «expulsão de campo», mas mostramos a esterilidade daquela discussão; explicámos que tanto o creme de arroz como a maizena, a araruta como o trigo, tem todos o valor alimentar muito mediocre das farinhas; mostrámos que esses farináceos a que as mães dão o nome de «engrossantes» são modestíssimos complementos do verdadeiro alimento contido em u'a mamadeira, que é o leite. Expuzemos que só com o leite puro, sem farinha e sem açúcar, qualquer criança se desenvolve relativamente bem, e que só com qualquer farinha sem leite nenhum, tôdas as crianças morreriam dentro de poucos meses.

Foi aí que se levantou a voz de uma senhora que devia ser a «capitã» de um daqueles «times».

— Mas então, quer dizer que o creme de arroz e a maizena não valem nada?

E como perdurava ainda em nós a magia subjetiva de uma discussão futebolística, respondemos zezemoreiramente:

— Valem; valem tanto quanto as chuteiras em um jogo de futebol. Mas não se esqueçam que sem a bola não pôde haver jogo; e a bola, minha senhoras, a bola... é o leite.

Se você é um ginasião ativo e inteligente já está credenciado para ser um voluntário da Campanha de Educação de Adolescentes e adultos, bastando, para tanto, buscar o material didático e as instruções respectivas no 14.º andar do Ministério da Educação e Cultura.

É PRECISO

EVITAR AS QUEIMADAS

Ao serem informados de que não devem tocar fogo nos terrenos cujas matas derrubam para fazer roças, muitos lavradores hão de sorrir. E perguntarão a si mesmos como será possível deixar de queimar, se êsse é o único processo verdadeiramente prático de eliminar os troncos, galhos e outros restos que se acumulam no chão depois das derrubadas?

A resposta não pode ser dada ao pé da letra. Só mesmo quem nunca viu como ficam certos terrenos de mata densa e alta, depois do trabalho dos machadeiros, sem um pedacinho desimpedido para um homem se sentar no chão, é que teria a ingenuidade de dizer: «É proibido queimar!»

Em casos assim, pode-se compreender a ação do fogo. Quaisquer, porém, que sejam as circunstâncias, o lavrador não pode esquecer que o seu dever, o seu lucro, a sua conveniência, é evitar a queimada, ou pelo menos, a queimada completa. Toque fogo apenas naquilo que não puder ser montado aqui e ali, ou não puder ser arrumado em linhas no meio da plantação, para apodrecer com o tempo.

A razão é a seguinte: raízes, troncos, galhos, fôlhas, frutos, etc., são formados de substâncias constituídas sobretudo de oxigênio, azoto, hidrogênio e carbono, elementos que voltarão à terra se os restos vegetais forem deixados no chão para se decomporem naturalmente. Se forem queimados, porém, serão os mesmos liberados dos compostos de que fazem parte, e, sob a forma de gases, se perderão no ar.

Os homens do interior dizem que queimam os terrenos não só para limpá-los, como para torná-los mais produtivos. De fato, o fogo, ao destruir o emaranhado de troncos e galhos resultantes duma derrubada, faz com que o lugar se transforme numa superfície mais ou menos pronta para ser plantada. Na verdade, fica apenas com uma camada de cinza, constituída essencialmente de sais de potássio, prontos para serem aproveitados, e de que as plantas precisam sempre. Mas o oxigênio, o azoto, o hidrogênio e o carbono, que também são necessários, foram-se embora para sempre. E êles eram em quantidade muito maior. A madeira sêca contém em média 98,5% de compostos de carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto, para apenas 1,5% de sais minerais que escapam à destruição pelo fogo.

Se tomarmos por base que a mata virgem contenha em média 200 metros cúbicos de matéria sólida de troncos, galhos, etc. por hectare, com o péso de 600 metros cúbicos de produto sêco, teremos, por hectare, um total de 120.000 quilos, dos quais nada menos de cerca de 118.200 serão transformados em gases, se essa imensa e preciosa massa fôr queimada.

Nestas condições, pode alguém ter dúvidas quanto ao processo a preferir?

Parece que não. O certo, o correto, é evitar ao máximo queimar os terrenos derrubados para fazer lavoura. E igualmente errado é queimar as pastagens no fim do verão, para destruir o mato que as invadiu ou forçar uma nova bretação. O solo, para produzir bem, não precisa apenas da pequena quantidade de sais minerais representada pelas cinzas, mas também das outras substâncias, que, em muito maior volume, são totalmente destruídas pelo fogo.

«A COOPERAÇÃO E O COOPERATIVISMO»

1) Que se entende por Cooperativismo?

Por cooperativismo entende-se um sistema econômico-social destinado a organizar a produção, a distribuição e o consumo das riquezas por intermédio das cooperativas.

2) Em que se fundamenta o sistema cooperativo?

Na idéia da cooperação e é constituído por cooperativas

3) Que significa «cooperação» no sentido geral?

«Cooperação» é, em tese, a colaboração entre duas ou várias pessoas que unem seus esforços ou seus recursos para conseguir um objetivo, qualquer que seja êle.

4) Que significa «cooperação» no cooperativismo?

«Cooperação», no Cooperativismo, significa uma forma democrática de colaboração que persegue diretamente fins econômicos e indiretamente fins sociais.

5) Apenas há colaboração no sistema cooperativo?

Não. O espírito de colaboração não é exclusivo do sistema cooperativo, encontrando-se também no regime capitalista; mas o que é exclusivo do sistema cooperativo é a forma especial dessa colaboração que é democrática e objetiva bem estar social para todos.

6) Por que a colaboração cooperativa é democrática?

Porque é feita pelo povo e para o povo.

7) Por que se diz que a colaboração cooperativa é «feita pelo povo?»

Porque a sua direção é democrática, ou melhor, exercida por todos os associados e cada um com igualdade de voto, ao contrário do que se verifica nas sociedades capitalistas, onde a direção está sempre em mãos da minoria que retém a maioria das ações.

8) Por que se diz que a colaboração cooperativa é «para o povo?»

Porque a cooperativa representa um órgão de defesa para o homem comum, para as maiorias débeis economicamente, como, por exemplo: os pequenos proprietários, os trabalhadores, os artesãos, etc., etc.

9) Que objetivos persegue diretamente a colaboração cooperativa?

A colaboração cooperativa persegue diretamente um objetivo econômico: a prosperidade material do povo, subordinada, como é natural, à sua prosperidade cultural.

10) Quais são as finalidades indiretas da colaboração cooperativa?

As finalidades indiretas da colaboração cooperativa são:

1.ª SOCIAIS, que procuram criar em seus associados o espírito de compreensão, de ajuda mútua, de ação conjunta, como um remédio para as mazelas sociais, oriundas do individualismo egoísta.

2.ª EDUCATIVAS, pela ação cooperativa se educa o povo fazendo com que desenvolva suas capacidades normais, intelectuais e de caráter, senso, discernimento, perseverança, sacrifício, justiça, caridade, responsabilidade, etc., etc.

11) Como realiza o Cooperativismo a colaboração?

Pelas cooperativas que programa e organiza.

Que é uma Cooperativa?

Cooperativa é uma sociedade livre de pessoas naturais que mutuamente se obrigam a combinar seus esforços, para o que organizam suas emprêzas, sem capital fixo predeterminedo e objetivando fins de ordem econômica.

13) Por que dizemos ser a Cooperativa uma sociedade livre?

Porque as pessoas que a formam, nela ingressam por livre e espontânea vontade e não por imposição governamental — como sucede nos países totalitários — nem por qualquer outra classe de imposição externa.

14) Por que dizemos ser a Cooperativa uma sociedade de pessoas?

Porque ela visa primeiramente o agrupamento das pessoas, diferenciando-se, assim, das sociedades que agrupam, em primeiro lugar, capitais.

15) Que significa possuírem essas pessoas uma emprêza?

Quer dizer que os associados da Cooperativa são realmente os seus donos e senhores, da qual têm posse e manêjo.

16) Por que dizemos que a Cooperativa é governada democraticamente pelos associados?

Porque os seus dirigentes são eleitos pela maioria de votos dos associados e, pela Assembléa Geral, decidem as causas importantes.

Assembléa Geral é a reunião de todos os associados, onde cada um tem direito a um só voto, pouco importando o número de quotas-partes subscritas.

17) Que significa estar a Cooperativa a serviço das associados?

(Continua na página seguinte)

«A COOPERAÇÃO E O COOPERATIVISMO»

(Continuação da página anterior)

Significa que tôdas as vantagens e pro-
veitos que se extraíam da Cooperativa serão
em primeiro lugar para os associados, pois
para isso se uniram buscando um resultado
comum.

18) E por que a Cooperativa também
presta serviços a tôda a comunidade?

A Cooperativa serve a todos os com-
ponentes da comunidade porque não se fun-
da para explorar e sim para reajustar. Be-
neficiando seus associados também os que
não e são usufruem, em parte, por seus be-
nefícios, como no contrôle dos preços, na qua-
lidade dos artigos, na lisura das transações,
etc.

Beneficia-se ainda a comunidade com
a organização do povo, tão aconselháveis pa-
ra a vida econômica, como à vida social em
geral.

19) É a cooperação um fenômeno natural no
homem?

Sim, sendo o homem um ser sociável tende a
unir-se a outros homens para realizar pela mútua
colaboração aquilo que não poderá conseguir isolado.

20) É a cooperação um fenômeno recente ou
tradicional no homem?

Encontramo-la entre os homens de todos os
tempos e em todos os povos, pelo que poderíamos
dizer perfeitamente que a cooperação é algo natural
no homem, isto é, que afluê da própria natureza hu-
mana.

21) Se a cooperação é algo natural no homem,
que glória cabe aos pioneiros do cooperativismo?

Sua glória consiste: 1.º — em que souberam
reagir contra as idéias do individualismo, tão em vo-
ga em sua época; e 2.º — em que encontraram a
maneira eficaz de aplicar a cooperação no terreno
econômico em favor dos menos favorecidos pela for-
tuna.

22) Quais os que começaram a trabalhar pela
organização do sistema cooperativo?

Os primeiros que se puseram em ação para or-
ganizar o sistema foram pensadores ingleses que, in-
felizmente, fracassaram em seu intento; contudo se-
mearam a idéia que em tôdas as obras precede a a-
ção.

23) Quais, entre êsses pensadores ingleses, os
mais destacados?

Os mais notáveis foram Robert Owen, William
Thompson e o dr. William King.

24) Quem eram êles?

Robert Owen foi um rico industrial e um gran-
de filantropo; William Thompson, um nobre irlandês
e o doutor William King, um médico de Brighton.

25) Que levou êsses homens a pensar na or-
ganização cooperativa?

O que principalmente os moveu pensar e a in-
tentar a organização cooperativa foi a grande misé-
ria do povo, já uma vez que pelas invenções da má-
quina a vapor e do tear mecânico, numerosas pes-
soas viram-se sem emprêgo e os que o conseguiam
tinham de submeter-se a longas e penosas jornadas
de trabalho, de quinze a dezoito horas por dia, e re-
cebendo miseráveis salários.

26) Por que fracassaram as primeiras tentativas
dêsses senhores para organizar cooperativas?

Várias foram as causas do fracasso das pri-
meiras tentativas, entre as quais podemos salientar:
1.ª a mentalidade reinante na época, com o povo em-
bebido pelos princípios liberais individualistas, não
compreendendo nem entendendo o alcance dessa dou-
trina nova; 2.ª a qualidade dos organizadores: homens
endinheirados, não captaram a confiança do povo
que tanto desejavam ajudar; 3.ª os erros de organi-
zação cometidos e que os colocaram face a dificulda-
des que, como bons teóricos, não scubaram resolver,
as quais, hoje, a prática se encarrega de solucionar.

27) Qual é o berço do cooperativismo moder-
no?

Como berço do movimento cooperativo consi-
dera-se Rochdale, pequeno povoado industrial de
Lancashire, na Inglaterra.

28) Como nasceu este movimento?

Surgiu da necessidade que premiu uns poucos
tecelões a unirem-se para a busca de algum remédio
que lhes minorasse a imensa miséria. Eram, a prin-
cípio, 28 e começaram por discutir as possibilidades
que oferecia o cooperativismo.

29) Reinava a miséria em Rochdale na época?

Sim, de acôrdo com os historiadores, os habi-
tantes dêsse povoado dedicavam-se à tecelagem da
lã e com as invenções modernas que substituíram os
pequenos teares manuais da indústria familiar, a
maior parte da população atravessava indescritível
crise financeira.

30) Poderia fornecer-me alguns dados sôbre a
crise?

Basta citar os seguintes dados para que se avalie
a miséria que rondava os lares de Rochdale: dos ha-
bitantes do povoado, 1.500 viviam com 48 cêntimos
semansais; 855 com 36 cêntimos; 508 com 25; 200
com 20 cêntimos, constatando-se, ainda, que 136 dos
habitantes viviam com 12 cêntimos por semana.

Por conseguinte não era estranhável encontra-
rem-se famílias carecendo de tudo: teto, leite e luz;
e todos recebiam rações alimentares de verdadeira
fome.

31) Então qual foi a causa que deu origem ao
movimento cooperativo?

O que realmente motivou o movimento coope-
rativo foi a miséria, a necessidade em que se encon-
travam êsses pobres operários.

32) Tiveram êxito em sua idéia cooperativa os
tecelões de Rochdale?

Sim. Obtiveram um resultado satisfatório e o
movimento cooperativo é atualmente internacional,
não havendo nação importante que não possua suas
cooperativas. O que não conseguiram com dinheiro e
sacrifícios milionários como Owen, obtiveram-no uns
poucos operários de um obscuro e pequeno povoado
industrial inglês.

33) A que devem êsse esplêndido êxito?

Obtiveram êxito os Pioneiros de Rochdale por-
que estabeleceram sua empresa sôbre princípios e mé-
todos de uma sabedoria prática tão estupenda que
ainda hoje regem os milhões de verdadeiras coope-
rativas do mundo.

34) Que empresa estabeleceram inicialmente?

De início abriram uma tenda onde vendiam
artigos de consumo pelo sistema cooperativo num lo-
cal modesto e pobre que alugaram por Cr\$ 50,00 ao
ano, no Bêco do Sapo.

35) Qual a data recordada com carinho pelos
cooperativistas?

É o 21 de dezembro de 1844, porque nesse
dia abria suas portas o primeiro estabelecimento co-
operativo de Rochdale, nascendo aí o poderoso mo-
vimento cooperativo moderno.

(Adaptado de uma publicação da revista «COOPERA-
TIVISMO» n. 100 Órgão do «Bloco de Federações
Cooperativas do México».)

CONTRIBUIÇÃO DO S.S.R. À EXTENSÃO RURAL NO PAÍS

Firmados acordos com entidades de extensão rural de vários Estados
Trinta milhões para crédito supervisionado

O Serviço Social Rural está cooperando com os Serviços de Extensão Rural do país, através de convênios, para a realização de um trabalho conjunto em favor da elevação do nível de vida do homem do campo, mediante o emprêgo de métodos de extensão rural, crédito supervisionado e organização de comunidade.

As bases dessa cooperação foram estabelecidas no acôrdo firmado entre o S.S.R. e a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), em abril de 1958, aos quais se seguiram convênios entre os Conselhos Regionais do S.S.R. e a ANCAR (Ceará), a ASCAR (Rio Grande do Sul), a ACARESC (Santa Catarina) e a ACARES (Espírito Santo).

Crédito supervisionado

Por outro convênio, 30 milhões de cruzeiros do S.S.R. serão aplicados pela Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais na concessão de crédito supervisionado a pequenos e médios agricultores, através da... ACAR, segundo o documento assinado pelas três entidades.

Essa importância elevou de 35 para 65 milhões de cruzeiros o total dos recursos a serem concedidos pela Caixa Econômica, em 1959, de conformidade com a planificação da ACAR. Poderá, assim, ser duplicado o número de lavradores beneficiados com o crédito supervisionado, em Minas, além de aumentado o valor dos empréstimos.

Cooperação

A conclusão de tais convênios resultou da identidade de propósitos entre o Serviço Social Rural e o sistema cooperativo de extensão Rural e crédito supervisionado, porquanto ambos têm as suas atividades voltadas para o desenvolvimento sócio-econômico das populações rural brasileiras.

A ABCAR, que é a organização coordenadora desse sistema, conta ainda com a cooperação dos Ministérios da Agricultura e da Educação e Cultura, do Banco do Brasil, da Confederação Rural Brasileira, da Associação Internacional Americana (AIA) e do Escritório Técnico de Agricultura (ETA), os quais, como o S.S.R., integram a Junta Governativa da ABCAR.

Faça de o "O CULTIVADOR"

seu auxiliar na lavoura

por apenas Cr\$ 20,00 anuais



Cultura do Amendoim

ESCOLHA DA TERRA: As melhores terras para a cultura do amendoim são as leves, porosas e frescas, sem que sejam muito úmidas; particularmente lhe são favoráveis as silicosas de aluvião e as sílico-calcárias. As partes sombreadas dos terrenos devem ser excluídas da plantação, por serem prejudiciais.

PREPARO DA TERRA: Deve-se trabalhar a terra a uma profundidade de 15/20 cm., pulverizá-la até uns 10/12 cm para que as vagens se desenvolvam bem e a colheita seja feita sem grande trabalho. Este preparo deve ser realizado pelo menos com um mês de antecedência. Nas terras compactas aconselha-se o enleiramento, com leiras de 25/30 cm de altura, onde se plantam as sementes.

ADUBAÇÃO: Dos fertilizantes, o potássio é o que mais favorece a produção de grãos. Devendo a cultura do amendoim ser estabelecida em terras silicosas, pobres em potássio, esse elemento nunca deverá faltar nas adubações. O fósforo também é elemento que não deverá faltar. O emprêgo do cálcio

é útil para o desenvolvimento desta planta, mas sua aplicação deve ser feita com cuidado. Recomenda-se o azoto, quando necessário, no começo do cultivo e em pequena porção. O estêrco incorporado à terra com antecedência dá bons resultados.

SEMEADURA: Plantam-se em vagens inteiras ou somente grãos. Pelo segundo processo tem-se a vantagem de selecionar os grãos.

ÉPOCA: Semea-se de setembro a janeiro, de acôrdo com a zona. A sementeira poderá ser feita à mão, à máquina, em covas ou em sulcos.

QUANTIDADE DE SEMENTES: A quantidade varia de acôrdo com o solo, variedade e qualidade das sementes e a finalidade da cultura. Nas plantações em covas, cada uma recebe 2 a 3 sementes; em sulcos, serão lançadas duas a duas no fundo do sulco, na quantidade de 100 a 150 litros por hectare.

Revista Informativa — FARESP

PIZZA

3 xíc. (360 g) de farinha de trigo, 1 colher de sopa bem cheia (15 g) de Fermento Sêco Fleischmann, 1 colher de sopa rasa (8 g) de sal, 1 colher de sopa cheia (10 g) de açúcar, 2 colheres de sopa (28 g) de gordura ou azeite, 1 xíc. (250 g.) de água.

MODO DE FAZER:

«Quebre a frieza» da água e azeite deixo em repouso o Fermento Sêco durante 5 minutos, batendo então para dissolvê-lo bem. Junte esta solução de fermento aos demais ingredientes da receita, trabalhando bem até que fique u'a massa bem lisa. Deixe fermentar durante 60 minutos, cobrindo a massa para evitar que crie crosta.

Corte ou divida a massa em 4 ou 5 porções, dando o feitio de bolas. Com um rôlo, abra as bolas em círculo numa espessura de 1/2 a 1 cm. Coloque-os em fôrmas untadas com gordura ou azeite. Cubra então a massa em círculo com mussarela, enchovas, tomates, sal, orégano, pimenta-do-reino, alho, etc., regando a seguir com azeite. Leve ao forno bem quente.

NOTA: O segredo da boa Pizza é u'a massa plástica, bons ingredientes e forno bem quente. Sirva assim que tirar do forno.

MELHOR APROVEITAMENTO DA CARNE DE FRANGO

Os nutricionistas vêm apontado ultimamente a importância que deve merecer o cuidado especial com a alimentação humana, especialmente no que diz respeito à qualidade e valor nutritivo do que se come.

Os puericultores e pediatras já compreenderam o grande valor da carne de frango para as crianças, pela excepcional qualidade das proteínas desta carne.

Os obstetras também incluem normalmente a carne de frango nos regimes alimentares das gestantes, não apenas pela qualidade alta da proteína como pelo seu baixo teor em gordura e alto grau de digestibilidade. Estas mesmas razões fazem da carne de frango a fonte ideal de proteínas para as pessoas idosas e para os que desejam perder peso ou manter seu próprio peso.

As mil e uma maneiras pelas quais a carne de frango pode ser preparada, cada uma mais gostosa do que a outra, e o preço relativamente barato desta carne — se consideramos seu grau de aproveitamento e seu maior valor nutritivo — fazem do frango o prato de todos os membros da família, desde o vovô ao netinho.

Tratamento do Estêrco de GALINHA

A colheita do estêrco de galinha — material hoje vendido até a dois cruzeiros o quilo (em São Paulo e Rio as grandes quantidades são vendidas, apanhadas no local, na média de um cruzeiro e vinte por quilo, ou mil e duzentos por tonelada sem tratamento especial) — deve ser feita semanalmente. Ao invés de colocá-lo em pilhas, mesmo cobertas, o melhor e mais indicado, para conservar as boas qualidades do adubo, é jogá-lo em caixas grandes ou fossas de alvenaria, que se constróem no chão, espalhando sôbre cada camada uma outra ligeira de superfosfato, para fixação do amoníaco e outros elementos. Em seguida, fecha-se muito bem o recipiente, isto é, a fossa.

Aconselham os técnicos, como base, uma adição de 600 gramas de superfosfato ou sejam 18% de P2O5 — por metro quadrado. Outros fertilizantes nitrogenados poderão ser adicionados, em percentagens convenientes (consultar um agrônomo entendido) — conforme os fins a que se destina o adubo — se para cafezais, milho ou outra cultura.

Por outro lado, já estão em uso, principalmente nas regiões avícolas de grande criação do interior de São Paulo, vários desodorantes, que tornam mais fácil o trato do estêrco aviário.

Qualquer fazendeiro adiantado poderá fazer no local a farinha de carne ou «taneage» aproveitando integralmente o sangue das rezes abatidas para o consumo doméstico.

Este Jornal é composto e impresso nas Oficinas Gráficas Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

ESTERCO DAS AVES

Nossos agricultores já verificaram, em suas próprias plantações, o grande valor do estêrco de aves no maior rendimento de suas culturas.

Testes foram e estão sendo feitos no Rio Grande do Sul, com o emprêgo do estêrco de galinhas nos cafezais.

Minas Gerais e Estado do Rio já usam o estêrco de aves em seus canaviais e seus laranjais. Muitos agricultores estão usando o estêrco de galinhas como único fertilizante, tal é sua riqueza em azoto, fósforo e potássio, além de seu elevado teor em matéria orgânica, especialmente preferindo o estêrco de aves criadas sôbre camas de cepilho de bagaço de cana ou de sabugo de milho.

Surgem agora, nos Estados Unidos, publicações e trabalhos que afirmam resultados ótimos do emprêgo do estêrco de frangos criados em cama de sabugo de milho, contribuindo até 20 por cento da ração, na alimentação dos suínos!

Convenhamos que o negócio é interessante e altamente econômico: damos ração às aves, vendemos os frangos, damos seu estêrco aos suínos e vendemos carne de porco!

O COQUEIRO: deve ser plantado em espaços de oito metros em lugares, ensolarados e amplos. As mudas devem ficar profundas e bem fixadas, convenientemente adubadas (excelente o estêrco de curral) e com regas nas estiagens. Usa-se como adubo também misturas como base em elementos calcários, não havendo necessidade de sal. O que faz o desenvolvimento fácil dos coqueiros nas praias é o elemento calcáreo e não o sal.



Escolha do local para plantar CAFÉ

HÉLIO RAPOSO — Engenheiro Agrônomo

Se você está resolvido a plantar café, já sabe, por certo, que esta cultura «vai bem» na sua zona. Mas dentro da fazenda, sempre há algumas áreas melhores que outras. Pode até acontecer que haja manchas de terra pouco favoráveis ou mesmo absolutamente impróprias para o cafeeiro, tornando-se mais conveniente, portanto, aproveitá-las para outros fins.

Vários fatores, como a topografia, o micro-clima, o tipo e a fertilidade do solo, determinam a preferência por certas áreas em detrimento de outras. Geralmente, a intensidade de ação destes fatores não chega ao ponto de impedir a cultura cafeeira. Contudo, adotado o princípio de que a fazenda de café deve ser mista, destinando-se à formação desta lavoura apenas uma parte das terras, é lógico que se adote um critério de seleção das glebas (escolhendo-se para o café aquelas mais propícias).

CRITÉRIO DA ESCOLHA: Os fatores a considerar na escolha da área destinada ao plantio do café podem ser restringidos a três: 1) topografia; 2) exposição do terreno; 3) fertilidade do solo.

TOPOGRAFIA: A grande maioria das fazendas localizadas em regiões de «terra roxa» ou «arenito de Baurú» mostra uma conformação topográfica bastante plana, sendo esta a situação que se apresenta mais frequentemente para os cafeicultores paulistas e paranaenses. Não há, neste caso, muito o que escolher; as glebas são bem confirmadas e qualquer seleção que se fizer será de outros fatores. Basta que sejam evitadas as depressões ou baixadas, quando na região há o perigo da ocorrência de geadas. Nessas áreas em depressão é que se acumulam as geadas de ar frio — e aí, portanto, as plantas sofrem os maiores danos.

A maioria dos fazendeiros de Minas, Espírito Santo e Estado do Rio tem que encarar o aspecto topográfico de suas terras com maior cuidado, assim como os fazendeiros de algumas regiões de São Paulo e outros Estados, onde houver terras do tipo «massapé» ou «salmorão», que apresentam topografia bastante acidentada.



Em fazendas com tais características, é indispensável que a distribuição das terras para os diversos fins agrícolas seja feita com base num prévio levantamento conservacionista, para a determinação da capacidade de uso de cada gleba. A escolha das áreas destinadas aos cafezais segundo a capacidade de uso, isto é, segundo a sua capacidade de suportar a cultura com economia e segurança, é condição básica do sucesso.

Devem ser evitadas as áreas muito acidentadas ou excessivamente íngremes. A erosão nesses terrenos é dificilmente controlada, diminuindo a longevidade da lavoura ou tornando-a deficitária em breve tempo.

Por outro lado, a impossibilidade de se mecanizar a lavoura seria mais um obstáculo para o sucesso, a menos que o fazendeiro possa contar com mão de obra abundante e barata, condição que, se ainda existe, não subsistirá por muito tempo.

As áreas mais íngremes devem ser reservadas para silvicultura ou pastagens; as de declividade média e as planas podem ser usadas para o café e culturas anuais. As terras baixas e úmidas, sujeitas a encharcamento, também não devem ser utilizadas.

EXPOSIÇÃO DO TERRENO: É uma característica associada à topografia e que, por vezes, assume grande importância. Para os casos de São Paulo, Paraná, sul de Mato Grosso ou outra região qualquer sujeita a geadas e

Continua na página seguinte

Escolha do Local para plantar Café

Continuação da página anterior

ventos frios, a exposição sul deve ser evitada, assim como vertentes e baixadas por onde se escoem as massas de ar frio. A exposição para o nascente também não é conveniente, pois, possibilita um degelo muito rápido após a geada, o que constitui, aliás, a principal causa dos malefícios produzidos pelo fenômeno. Nêstes casos, o plantio nas faces norte e poente é o mais indicado.

Quando é possível evitar o plantio na face sul, deve-se deixar uma faixa de mato ou formar quebra-ventos com plantas apropriadas (eucalipto, bambu, etc.).

FERTILIDADE DO SOLO: Não é este um fator de primeira importância, já que um solo pobre pode ser adubado. A cafeicultura moderna exige o trato adequado do solo. Não se pode mais pensar em plantar café sem que antes se providencie os meios de obtenção de abundante quantidade de matéria orgânica. Esta adubação, suplementada pelos fertilizantes químicos e auxiliada pela adubação verde, pode recuperar os solos mais frácos, tornando-os capazes de suportar o peso da cultura. Contudo, não será demais repetir que os solos mais novos, ricos, com boa estrutura e grande percentagem de matéria orgânica devem ser preferidos, se os temos à disposição.

É possível ajuizar sobre a fertilidade do solo, pela verificação de certos indícios. Mata punjante, vigorosa, de coloração verde intenso, é por exemplo, sinal de solo fértil. A ocorrência de certas árvores é tida como padrão de terra fértil. Tais são: pãud'alho, cebolão, jaborandi, figueira branca, urtigão, cambará de meia língua, jangada brava.

A presença da cresciúma e do caetê, indica solos frescos.

Terras muito rasas, de subsolo impermeável, com pedras ou piçarra, são impróprios ao cafeeiro. Grande população de Cresciúma atesta esta característica indesejável. Por outro lado, a existência de um palmital indica solos profundos.

Grandes populações de perobeiras e cedros indicam solos secos, impróprios para o cafeeiro. Terras excessivamente argilosas ou arenosas também são contra-indicadas.

Se falamos da textura por último, não é porque essa característica do solo tenha menor importância. Ao contrário, é muito mais fácil corrigir as deficiências minerais do que a estrutura de um terreno. Os solos extremamente argilosos apresentam uma estrutura desfavorável ao desenvolvimento do sistema radicular; os solos excessivamente arenosos são de fertilidade muito instável e ressecam rapidamente.

Os solos com porcentagens equilibradas de argila, limo, são os melhores.

Não dê tréguas às mósca

Grande número de mósca em revoada pelos estábulos, pelas salas de ordenha e outras dependência da fazenda, determinam consideráveis prejuízos ao criador. Além de possíveis vetores de enfermidades e de parasitas, as mósca contaminam o leite, perturbam o sossego das vacas, e, com isto, acarretam até uma quebra possível na produção do leite.

Com o auxílio dos modernos inseticidas, as mósca podem ser combatidas com regular eficácia, mas para um ataque eficiente há necessidade de meios preventivos. Por exemplo: evitar o mais que se possa a multiplicação desses insetos que, preferentemente se reproduzem no estrume, que, por isto mesmo não deve ser abandonado nas proximidades dos estábulos e dos edifícios. De preferência, deve ser lançado em estrumeiras ou enterrado embora com pequena cobertura de terra. Na impossibilidade desses meios, o estrume pode ser tratado convenientemente com inseticidas que previnam a formação de larvas.

Os inseticidas, quando aplicados contra as mósca, o são sob forma de pulverização direta ou sobre as paredes e objetos onde costumam pousar. Portanto, amigo criador, não dispense o combate às mósca como processo garantido para melhorar a produção de suas vacas leiteiras. (Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura).

Como chocar e criar com GALINHAS

Quando o número de pintos à criar anualmente não é grande, isto é, menos de 100, a fazenda não comporta ainda o uso de chocadeira e criadeira artificiais. A criação é feita então com galinhas ou peruas. É o que se faz em quasi tôdas as nossas fazendas, não obstante algumas já se ressentirem da necessidade daqueles aparelhos, pelo volume de suas criações e pelas desvantagens da criação natural entre as quais citamos as seguintes: a) Maior trabalho com vigilância e outros cuidados; b) Criar poucos pintos de cada vez; c) Fácil transmissão de verminose, piolhos e doenças das chócãs aos pintos; d) Dificultar a produção de frangas que forneçam muitos ovos quando estes dão melhores preços e isto devido à incerteza de se obterem galinhas chócãs no tempo próprio.

Apesar de tão difundido entre nós tal processo é ainda executado sem os devidos cuidados, acarretando enorme mortalidade de pintos.

Pelo modo mais usado de se deixarem as galinhas soltas, elas conduzem seus pintos a lugares inconvenientes como, currais, chiqueiros, estrebarias, poços e regos d'água onde muitos morrem comidos pelos porcos, gatos ou gaviões, espremidos pelos pés dos animais, afogado ou por causa da humidade e da lama.

Também as galinhas de pintos são deixadas no mesmo terreiro e no mesmo abrigo da galinhada. Nesses lugares existem os micróbios das doenças que já apareceram nos outros anos. Muitas dessas doenças não prejudicam as aves velhas porque estas já estão imunizadas ou resistentes, mas para os pintos elas são fatais. Outra causa da perda de tantos pintos, é a criação em tempo impróprio.

O tempo das águas, de setembro a abril, é quente e húmido, facilitando por isto o desenvolvimento de tôdas as doenças e pragas como Peste Aviária (Colera), Carçoço ou Pipoca (Eptelioma) Gôgo (Syngomose), Vermes intestinais, Piolhos, etc.

Para evitar estes males, a superstição manda chocar só número ímpar ou só três ovos, deitar as galinhas durante quarto crescente da lua e mais algumas simpatias que de fato nada adiantam.

Em vista disso, damos aqui em resumo, alguns conselhos mais importantes para se obterem melhores resultados:

1) Arranjar os ninhos para os chocas, em caixotes de 50cm de largura, 50 de fundo e 55 de altura e cuja porta seja uma grade de réguas estreitas e separadas 5 cm entre si.

2) Colocar êsses caixotes em lugar fresco, socegado e higiênico. Si este lugar fôr uma cobertura, o caixote pode ser sem fundo e então o ninho de palha ou capim, assentará diretamente sobre a terra.

3) Trazer para cada caixote uma galinha que esteja mostrando os sinais de choca que são: permanência nos ninhos de postura, penas arrepiadas e pios característicos quando se lhes põe a mão. Experimenta-se dois ou tres dias se ela aceita bem o ninho com dois ou tres ovos sem valor.

As galinhas comuns são boas incubadoras e criadeiras. As Leghorns, Anconas e Minercas, não chocam nem criam. Escolham-se galinhas sadias.

4) PIOLHOS: No primeiro e no 17.º dias a galinha deve ser pulverizada sob as penas do corpo todo com uma mistura de Fluoreto de Sódio — (uma parte) e cinza (duas partes), a palha do ninho queimada e o caixote «sapecado» no fogo, para matar os piolhos.

5) Colocar então os ovos a chocar, tantos quantos fiquem bem cobertos, o que depende do tamanho da galinha ou sejam 10 a 15 para estas ou 15 a 20 para as peruas.

Os ovos devem vir das melhores galinhas, ser novos (8 a 12 dias), limpos (mas não lavados), grandes, perfeitos e virados diariamente de posição, enquanto estão guardados.

6) A alimentação das chocas deve constar de grãos de milho, arroz, trigoilho, verduras, água limpa e areia. Evitar a alimentação muito proteica, (misturas próprias das poedeiras), porque faz «sair do choco».

7) MIRAGEM: Aos 7 e aos 14 dias de incubação, os ovos devem ser mirados, isto é, examinados á luz do «ovoscópio» em um quarto escuro.

Por este exame retiram-se os ovos inférteis e os de germens mortos. Se forem deitadas diversas galinhas no mesmo dia, e pela retirada dos ovos perdidos, uma delas ficará com poucos ovos bons, estes podem ser distribuídos com as outras e a galinha vaga começará outra incubação ou voltará á postura.

9) PASSEIO: Durante a incubação a galinha pode ser solta diariamente ou de 2 em 2 dias para um ligeiro passeio de 15 a 30 minutos, devendo-se cuidar que ela volte em seguida ao ninho.

10) Nos últimos três dias não se deve mexer no ninho.

11) Os pintos nascerão entre 20.º e 21.º dia. No 22.º dia pela manhã, tiram-se as cascas e os ovos gorados, muda-se o ninho, e põe-se a disposição dos pintos, mistura, água limpa ou leite destinado e areia.

12) A criação de pintos deve ser feita inteiramente separada das demais aves e em terreiro não frequentado por elas pelo menos um ano antes.

13) No primeiro mês, é conveniente que a galinha fique presa no próprio caixote ou em um jengradado de onde os pintos possam sair e entrar à vontade pelos buracos. Assim pode-se pôr a alimentação dos pintos (mistura de farelos, tancage e osso) do lado de fóra e da galinha (grãos), dentro ao seu alcance. Ou, então, soltam-se as galinhas, com seus pintos, em cercados limpos e bem isolados, onde, cada uma, tenha seu caixote para abrigo.

14) FRANGOS: Geralmente aos 2 meses os pintos já dispensaram o calor e a proteção das galinhas e então devem ser levados para áreas maiores como nos pastos onde tenham terrenos limpos, bastante exercício, alimento, água limpa e abrigo.

Neste lugar, êles devem acabar seu desenvolvimento.

a) **INVASORAS EM GERAL:** Invasoras são plantas indesejáveis que infestam as culturas agrícolas que imprópriamente chamam «pragas», o que, tènicamente, designa apenas animais danosos. Nas pastagens também há invasoras e como tais se consideram até certas forrageiras inferiores que não desejamos nos campos, tomando lugar das melhores. São invasoras, pois, as plantas tóxicas, quer dizer, venenosas, as cáusticas e quaisquer outras indesejáveis por algum motivo justo.

Estas plantas são, de alguma sorte, desdenhadas pelos animais e por isso crescem e multiplicam-se à vontade, invadindo o terreno, tanto mais rápida e intensamente quanto mais desguarnecida estiver a pastagem. Assim, uma das principais formas de combater as invasoras será não sacrificar o pasto com excesso de pasteio por longo tempo.

O que mais comumente se faz para combater as invasoras é roçar as pastagens. Isto mesmo nem sempre se faz oportunamente, porquanto, roçar depois que as invasoras dão sementes, pouco ou nada adianta. Por outro lado, tais roçadas, via de regra, são feitas por pessoas que pensam ser forrageiras somente os capins. Cortam tudo mais, incluindo como indesejáveis até as melhores forrageiras leguminosas.

Há invasoras que a simples roçagem é impotente para eliminá-las. São plantas providas de reservas nutritivas nas raízes e por isso capazes de resistir aos cortes anuais. São as de mais difícil combate, tais sejam o sapê, a tiririca e outras, cuja eliminação lembra o arrancamento a enxadão, trabalho penoso e caro, mas que, nem assim é 100% eficiente.

b) **COMBATE AO SAPÊ:** Para combater o sapê, que foi uma das piores invasoras que já combatemos, preconizamos a seguinte sequência de procedimentos, quando seja grande a invasão:

a) arar a área em que cresce o sapê no fim do inverno;

b) esperar a rebrotação e crescimento do sapê até a altura média de 10 cm no máximo;

c) sobrecarregar a pastagem, nessa ocasião, com um rebanho que não importe sacrificar um pouco. Visa-se com isso uma tosa intensa sobre os brotinhos novos do sapê e, dessa forma, esgotar ao máximo as reservas dos rizomas;

d) quase na mesma ocasião deste pasteio, semear a pastagem com sementes de forrageiras, as mais dominadoras que se reconhecerem, como tais na região, isto é, das que melhor abafem o terreno;

e) retirar o gado assim que as forragei-

ras comecem a aparecer, para que elas cresçam livremente e abafem as invasoras o mais cedo possível, embora que ainda assim, se verifique o aparecimento de algumas touceiras de sapê;

f) antes de elas perfilharem, proceder a uma ou mais roçagens cuidadosas, eliminando-se toda a folhagem do sapê, bem rente ao chão, ou, o que seria mais radical, proceder ao arrancamento das touceiras a enxadão. Nessa ocasião e as semelhantes devem os roçadores ser lembrados de não cortarem as forragens que rodeiam as touceiras.

g) deixar crescer o pasto até dar sementes, maduras, sem gado algum na pastagem;

h) uma vez maduras as sementes das forrageiras, soltar na pastagem um grande rebanho, visando principalmente favorecer à queda, e à dispensação das sementes e seu entêrro pelo pisoteio intenso.

i) conservar a macega durante o inverno; e

j) conservar a macega ao comêço das chuvas, ou deixar brotar sem queimar, conforme a natureza da macega, e explorar o pasto normalmente na hora oportuna.

As principais pragas das pastagens são a saúva, o cupim e a lagarta.

a) **COMBATE À SAÚVA:** No pasto combate-se a saúva como em qualquer outra cultura; insuflando, nos olheiros, gases de enxofre e arsênico, queimados a carvão, em extintores apropriados ou a gás de bissulfeto de carbono por meio de gaseificador «Agri-defera», ou derramando-se nos olheiros o mesmo bissulfeto, ou ainda, empregando-se o brometo de metila.

A maneira de aplicar e a dosagem deve obedecer às instruções do fabricante. Advertimos que o combate à saúva requer certos conhecimentos sobre a vida deste inseto e certa prática de o combater. Via de regra, os fracassos verificados em qualquer método de extinção dos formigueiros deve-se à falta destes requisitos. A insuficiência das doses empregadas, a falta de repetição oportuna do combate aos formigueiros resistentes e má escolha dos olheiros, são os erros mais frequentes.

b) **COMBATE AO CUPIM:** Referimo-nos ao cupim do campo, àquele que constrói monturos nos pastos. O seu combate se faz cortando-se a base do montículo para descobrir os canais internos. Uma vez aberto, aplica-se o veneno pelos canais mais ativos. Podemos empregar, no caso, o brometo de metila ou o bisulfeto de carbono. Advertimos que não se deve, em caso algum, tocar fogo no bisulfeto de carbono, seja matando o cupim, seja combatendo a formiga.

CONTINUA

Combate às Invasoras e Pragas das Pastagens

Combate às invasoras e...

CONTINUAÇÃO

e) COMBATE À LAGARTA: O combate mais prático e racional às lagartas que atacam o pasto pode ser feito com o canfeno-clorado ou com o H.C.B. Qualquer delas se encontra em pó e se aplica polvilhando no pasto e numa faixa anexa de 2 ou 3 m. de largura, cercando a marcha do ataque.

O canfeno se encontra pronto para polvilhar, enquanto o H.C.B. se emprega misturado com talco ou caolim em pó, na dose de 3% na mistura. Se não fôr encontrado no comércio, nesta percentagem podemos comprá-lo com percentagem maior e fazer a correção, juntando-lhe mais talco ou caolim, que se compra separado. Neste caso, para se saber a quantidade do H.C.B. a misturar com o talco ou caolim, multiplica-se por 3 a quantidade de mistura que se quer preparar e divide-se pela percentagem do comprado. Exemplo: o H.C.B. comprado tem, digamos, 5% e desejamos preparar 20 kg de mistura a 3% tal como deve ser. A quantidade do H.C.B. a comprar será igual a 3 vezes 20 dividido por 5, isto é, 12 quilos, aos quais se juntam 8 quilos de talco ou de caolim, para completar a quantidade desejada.

NOTA: Em qualquer caso convém afastar o rebanho da pastagem por uns 8 dias, ou menos no caso de uma chuva forte antes disso.

OLAVO BARROS DE ARAUJO E SILVA
(Engenheiro-Agrônomo)

DÓCE DE TAMARINDO

1 quilo de tamarindos, 300 grs. de açúcar, 1 copo d'água.

Modo de fazer: Tire os tamarindos da casca, escale-os em pouca água e escorra. Passe a polpa na peneira. Faça uma calda fina com 300 grs. de açúcar e 1 copo d'água; junte a polpa do tamarindo à calda, deixe ferver, mexendo sempre com uma colher de pau, até aparecer o fundo da panela.

Sua magestade O OVO

Cada vez mais vai o brasileiro compreendendo melhor a necessidade e as vantagens de comer bem, isto é, ingerir alimentos de maior valor nutritivo.

Ao lado do valor nutritivo, o preço deste alimento deve também ser considerado, pois um alimento muito bom mas muito caro, não poderia atender às necessidades da maioria da população.

Em valor nutritivo, o ovo ocupa lugar de indiscutível destaque: é muito rico em proteínas de alta qualidade, em sais minerais e em quase todas as vitaminas de que precisamos.

Em valor econômico, também o ovo leva grande vantagem sobre os alimentos comparáveis (carne, peixe, leite), se considerarmos seu preço por unidade de proteína, seu grau de utilização (quase total), sua facilidade de preparo e os vários modos de que ele pode ser usado como alimento.

Nenhum outro alimento, como o ovo, pode ser incluído na dieta normal de uma família, com tantas vantagens, tamanha rapidêz de preparo, tamanho grau de apreciação por todos e tantas maneiras de apresentação.

Desde os primeiros meses de vida, a gema de ovo pode ser usada na dieta infantil.

Já o nosso povo está vencendo, aos poucos, os velhos tabus que afirmavam ser o ovo prejudicial ao fígado. Os técnicos em alimentação de pessoas idosas consideram o ovo como alimento protéico básico de sua dieta. Os povos que melhor sabem se alimentar no mundo consomem, quase sempre na 1.ª refeição da manhã, uma média de 300 a 380 ovos por ano por pessoa. Aí está um exemplo que os brasileiros podem e devem imitar.

AVICULTORES NOVATOS

É erro frequente, entre os que desejam iniciar-se em avicultura, pensar que uma granja avícola pode ser manejada sem maiores conhecimentos e recursos. Para estes, a natureza, sempre pródiga e generosa, se encarregará de fazer frutificar o capital investido.

Não nos enganemos: a avicultura é uma indústria como qualquer outra, exigindo aptidão de quem a enfrenta. Uma improvisação pode fazer perigar a obra começada.

O avicultor deve ser prudente, providente e bom administrador. Qualquer medida mal aplicada, o esquecimento de uma vacinação, a compra de pintos de origem desconhecida, uma ração mal formulada etc., são causas de sério fracasso. Além de ser bom administrador, o criador deve ser bom comerciante e gostar bastante de aves. Estas qualidades especiais dão ao avicultor personalidade e êxito.

É mais fácil lidar com máquinas, do que com seres vivos

Muitos têm a grande preocupação do capital necessário e dos lucros. Não se pode estabelecer normas fixas, pois isto depende do tipo da empresa. Quanto mais intensiva seja a exploração, maior será o capital necessário, mais numerosos serão os fatores que se apresentam, e mais qualificada deve ser a experiência do responsável técnico. Por isto, temos aconselhado insistentemente a todo principiante que comece com poucas aves para praticar, e ir aumentando à proporção que seus conhecimentos também vão crescendo

As possibilidades econômicas de uma exploração avícola dependem de grande número de fatores, alguns deles ligados à localização da empresa, mas quase todos dependentes de uma administração segura. A distância dos mercados consumidores exerce influência predominante, donde a necessidade de prover bom meio de transporte. Os aviários modernos requerem gastos elevados, mas, alcançando certo nível de produção, a desproporção entre as inversões e os lucros desaparecem, pois as inversões são cobertas e os lucros são firmados.

Para calcular lucros e perdas, devemos relacionar toda despesa com alimentação e mão de obra, respectivamente com o valor da produção média anual por ave. No balancete, relaciona-se o lucro com o capital empregado.

O bom administrador nada esquece, tudo anota. Só assim poderá corrigir erros e falhas pequenas, melhorando cada ano o seu plantel, com a experiência adquirida.

Quem quiser ser avicultor profissional deve capacitar-se bem antes de assumir a grande responsabilidade.



Interessantes revelações sôbre o BERNE

O berne propriamente dito é a larva da mosca *Dermatobia hominis*, que se desenvolve sob a pele dos animais. Há, na biologia do berne, um fato bastante curioso que muita gente talvez não conheça. A fêmea não faz posturas diretamente no hospedeiro: homem, cavalo ou cão. Para pôr, a fêmea captura outro inseto, em geral hematófago, que frequenta os estábulos, ou que vive em contacto direto com os animais e, em pleno vôo, depõe um certo número de ovos na região latero-ventral do abdome. Feita a postura, o inseto portador é deixado em paz. Os ovos

levam cerca de 7 dias para darem larvas. Estas, tão logo tenham nascido, abandonam o corpo do intermediário (mosca dos estábulos, mosquitos culicídeos, etc.), quando este se encontra pousado no animal. Penetram através da pele, perfurando-a. Em 35 a 40 dias atingem o completo desenvolvimento e abandonam o corpo da vítima. Caem ao solo e se enterram a certa profundidade onde se transformam em pupas. Cerca de 2 meses depois emergem os adultos e novo ciclo se inicia.

Os prejuízos causados pelo berne são vultosos, principalmente à indústria de couros e peles. Os orifícios deixados pelas larvas depredam em muito os produtos para a fabricação de calçados, malas, vestimentas e outros artigos.

(De Sítios e Fazendas)

13.^a Semana do LAVRADOR

No desempenho de suas atividades extra-curriculares, a Escola realizou, de 3 a 8 de agosto deste ano, a Semana do Lavrador, congregando agricultores de vários municípios do Espírito Santo, em número de 400.

A seleção dos participantes do referido certame esteve a cargo da ACARES, da Divisão do Fomento Estadual e, na falta de ambos, dos Prefeitos Municipais.

Como foi difundido, a Escola, por falta de recursos financeiros, não iria fazer sua tradicional Semana do Lavrador, mas, à última hora, com o apêlo patriótico e significativo do Sr. Governador do Estado, através a Secretaria da Agricultura, foi-nos dado o imprescindível para custearmos as despesas de mais uma reunião de lavradores, com o objetivo de se instruírem para a solução racional de seus problemas.

Prestigiando o certame ruralista em foco, esteve presente, no penúltimo dia (7 de agosto), S. Excia. o Sr. Governador Dr. Carlos Lindemberg, acompanhado do Secretário da Agricultura, Dr. Pedro Merçon Vieira, tendo ambos usado da palavra para dizer das medidas já postas em prática e a serem realizadas em benefício do lavrador.

Os trabalhos decorreram em ambiente de sã compreensão e entusiasmo pelo progresso da Agricultura do Estado.

Décima oitava Exposição de Milho e outros produtos regionais

A abertura desta Exposição teve lugar no dia 2 de agosto, domingo, com boa afluência de lavradores.

Para 891 amostras de milho, feijão, arroz, cana, açúcar, banha, sabão, rapadura, hortaliças, frutas, trabalhos manuais, etc., foram consignados 148 prêmios.

5.^a Exposição de Café

Foram expostas 46 amostras da rubiácea, com comprovada melhoria de tipo e bebida, sendo adjudicados prêmios aos 10 melhores colocados, que foram os seguintes:

1.^o lugar: Pio Angélico Carletti, Santa Teresa — 2.^o lugar: Antônio M. Zanotti, Santa Teresa — 3.^o lugar: Vitalino Saiter, Afonso Cláudio — 4.^o lugar: Carlos Erler, Santa Teresa — 5.^o lugar: Francisco André Sâncio, Santa Teresa — 6.^o lugar: Felício Baratella, Santa Teresa — 7.^o lugar: Santinho

Matedi, Santa Teresa — 8.^o lugar: Américo Loss Refelon, Santa Teresa — 9.^o lugar: Mário R. Vacari, Santa Teresa — 10.^o lugar: Antônio Pitol, Santa Leopoldina.

Exposição do Serviço de Trigo

Sob a orientação do Sr. Joanito Campos, Chefe da Circunscrição Triticina no Espírito Santo, figurou durante a «Semana do Lavrador» uma bem organizada Exposição de suas atividades neste Estado, com amostras do produto já colhido por lavradores capixabas, fotografias, gráficos estatísticos, distribuição de instruções, etc., havendo sido bastante visitada e admirada.

Em frente ao edifício central da Escola foram expostas várias máquinas para o trato, colheita, beneficiamento, etc., do trigo.

Colaborações para a Semana do Lavrador

■ Do Sr. Lygio de Souza Mello, funcionário do Instituto Brasileiro do Café, que pronunciou substancial palestra sobre cooperativismo, no dia 6 de agosto, 5.^a feira, para numerosa platéia de lavradores, no salão nobre da Escola.

■ Proferiu preciosa palestra, sobre «A Tuberculose no Meio Rural», no dia 4 à noite, o Dr. Nélio Espindula, da Delegacia Regional do C.N.C.T., com muita objetividade e grande proveito para todos.

■ Dr. Ruben Landeiro, Chefe da Inspeção Regional do Serviço de Defesa Sanitária Vegetal no E. Santo, que ministrou aulas de combate a insetos e pragas, com a autoridade profissional que lhe é peculiar.

■ Dr. Geraldo Lucas, do Escritório da ACARES em Santa Leopoldina, lecionando aulas sobre a «Instalação do Carreiro Hidráulico», com proveito para vários lavradores.

■ Guilherme Giesen, do Fomento Estadual, que ficou encarregado de dar as aulas de Apicultura, o que realizou com bom aproveitamento para os agricultores interessados.

■ O Stand do I.B.C. distribuiu gostosos cafêzinhos durante a Semana toda, tendo os dois servidores encarregados do mesmo, se desincumbido com boa vontade e eficiência de sua tarefa.

A todos, nosso reconhecimento pela cooperação que tanto contribuiu para o êxito dos nossos trabalhos.

DESAPARECE EURICO SALLES

O Espírito Santo está de luto pelo desaparecimento de um dos mais ilustrados capixabas, ocorrido na Capital da República, no dia 1.º de setembro deste ano.

Homem culto, administrador e mérito, simples e digno, deixou em cada um dos que o conheciam, um amigo sincero e um admirador incondicional.

Desaparecido assim prematuramente, cobrem-se as nossas almas de luto e os nossos corações de profundo pesar pela irreparável perda.

Amigo de nossa Escola, eis a impressão que nos consignou quando este estabelecimento ainda era Escola Prática de Agricultura: «O aparelhamento escolar deste magnífico estabelecimento, atesta o carinho com que se instalou, entre os nossos administradores, a sã idéia de combater os métodos agrícolas de rotina, pelo melhor caminho pedagógico. Os filhos de agricultores, continuadores destes na orientação das propriedades agrícolas, recebem, na Escola Prática de Agricultura, a seiva selecionada que irá alimentar a sua ação futura. Esses empolgantes objetivos poderão ser facilmente alcançados num ambiente de conforto material e de ordem administrativa, que caracteriza a vida deste estabelecimento. Por tudo

que ví, formei uma impressão que exige, para a sua manifestação escrita, carinho literário de que não disponho. Direi apenas: a Escola Prática de Agricultura honra o Espírito Santo. 4/7/43. (aa) Eurico de Aguiar Salles.»

DADOS BIÓGRÁFICOS

Natural de Vitória, tendo nascido a 24 de agosto de 1910, filho de Climaco e Oscarina de Aguiar Salles. Era casado e pai de 4 filhos. Diplomado em Direito, dedicou-se ao magistério. Foi Secretário da Educação e Cultura do Espírito Santo, tendo sido eleito deputado à Assembléia Constituinte de 46. Em 1950, reelegeu-se para a Câmara dos Deputados, revelando sempre seu alto padrão de homem público, no desempenho do mandato que lhe fôra conferido. No atual Governo da República, exerceu, com brilho, o cargo de Diretor Executivo da SUMOC e de Ministro da Justiça e Negócios do Interior. Ao falecer era Membro do Conselho Nacional de Economia.

Este educandário, associando-se às mais justas homenagens, suspendeu o expediente do dia 1.º de Setembro, às 12 horas, tendo o Diretor da Escola, noticiando o falecimento, falado sobre a personalidade de Eurico Salles, hasteando-se, na ocasião, o pavilhão nacional e a bandeira do Espírito Santo, a meio pau.

O NOVO DIRETOR DA ESCOLA

Por ato do Sr. Superintendente do Ensino Agrícola e Veterinário, publicado no Diário Oficial de 19 de agosto último, assumiu a Direção desta Escola, a 1.º de setembro, o Engenheiro Agrônomo João Severiano Caldas da Silveira.

O novel Diretor, que vinha ocupando, há dez anos, a Chefia do Núcleo de Indústrias Rurais deste estabelecimento, é casado com a Exma. Sra. D. Margarida Maria Castro Caldas da Silveira, filha do Sr. Alcebíades de Paula Castro e D. Roza Paganí Castro, tradicional família deste Município, de cujo enlace há dois filhos.

NOTA

Temos recebido cartas reclamando do não recebimento deste jornal, de muitos de nossos assinantes.

Realmente estão êles com a razão, porque este órgão, por motivos alheios à nossa vontade, ficou paralizado de abril para cá.

Agora, porém, volta a circular como dantes, envidando esforços para corresponder à expectativa de seus leitores.

Aposentadoria do Diretor da Escola



Por Decreto do Presidente da República publicado no Diário Oficial de 4 de Maio, aposentou-se, a pedido, Dr. Lúcio Fernandes Ramos, que há 18 anos dirigia, eficientemente, esta Escola.

Homem simples, trabalhador incansável, jamais mediu esforços e sacrifícios em benefício da Obra que lhe fôra confiada, dedicando suas energias e comprovada capacidade, ao êxito da Escola, no desempenho de suas finalidades de educação das populações rurais do Espírito Santo.

Nosso jornal, registrando esta notícia, presta-lhe modesta homenagem, ajozando-lhe perenes felicidades, no seio de sua Exma Família.

Mês de Maria

Tornou-se tradicional na Escola a celebração do «Mês de Maria», durante os 31 dias de Maio.

Diariamente rezou-se o têrço e a ladainha de Nossa Senhora, com oferta de flores pelas crianças, num ambiente de fé tocante e simplicidade cristã.

Nos dias 28, 29 e 30, realizou-se o tríduo preparatório para a Páscoa, pregando-o o Revmo. Fr. Geraldo, Capuchinho O.F.M. do Convento de Santa Teresa.

Os festejos marianos culminaram com a festa da padroeira, N. S. Auxiliadora, que teve lugar no dia 31 de maio, fazendo sua páscoa 380 pessoas, entre alunos, servidores e seus familiares e muitos de nossos vizinhos lavradores. Nêste dia, foi levado a efeito um substancioso programa festivo, sendo seu ponto alto, a coroação da Virgem, à noite, com o Salão Nobre e suas adjacências superlotados. O quadro da coroação foi impressionante, atraindo os melhores adjetivos da assistência. Calcula-se em mais de 1.500 pessoas presentes ao ato.

O CULTIVADOR

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

ANO XII — São João de Petrópolis, Abril a Setembro de 1959 — N.º 145 a 150

DIA DA ÁRVORE

Comemorou-se, com brilhantismo, o «Dia da Árvore», na Escola e em São João de Petrópolis, tendo sido observados os seguintes programas, recomendados pela Diretoria deste Educandário:

EM SÃO JOÃO DE PETRÓPOLIS, ÀS 8 HORAS, no jardim público: 1) Hino nacional; 2) Preleção à árvore, por Dione Simonassi; 3) Palestra sobre o «Dia da Árvore», por Yolanda Luchini; 4) Poesia «As Crianças», por Jocília; 5) Poesia «As Árvores», por Ângela Lani; 6) Poesia «O Jequitibá», por Linda Guss; 7) «As Árvores», por Jocília; 8) Hino à Árvore; 9) Plantio da Árvore; 10) Palavra de Dr. João Caldas, Diretor, sobre o «Dia da Árvore».

Esta parte foi executada pelo Curso de Extensão de Economia Rural Doméstica e o Grupo Escolar, sob a supervisão da professora D. Madalena Machado.

NA ESCOLA PRIMÁRIA anexa à Escola Agrotécnica, às 10 horas: 1) Hino à Árvore; 2) Poesia «A Árvore», pela menina Maria da Glória Lisboa; 3) Poesia «A Árvore», pela aluna Maria Auxiliadora Rocha; 4) Plantio da Árvore; 5) Poesia «Per si», pela garota Maria Teresa Anechini; 6) Poesia «As Árvores», pela jovem Paulina Silva; 7) Palavra da Professora Mercêles Von Doelinger, sobre a data; 8) Palavra do Diretor Dr. João Caldas, sobre a efeméride.

NA ESCOLA AGROTÉCNICA, na avenida principal, em frente ao edifício central, às 14 horas e 15 minutos: 1) Plantio das seis árvores: a) Professores; b) Curso Técnico; c) Curso de Mestría; d) Curso de Iniciação; e) Curso Primário; f) Curso de Tratoristas; 2) Poesia, pelo educando Romir Santos, do primário; 3) Poesia, por Joécio Paterlini, do Iniciação; 4) Pensamento sobre a árvore, por Agomenom Leite Coutinho e Josimar Gomes Colen, do Mestría; 6) Oração à Árvore, por Adolfo Rafael Fava Netto, do Técnico; 7) Palavra da Professora D. Maria Herzog, representando o Corpo Docente; 8) Encerramento, com a canção à Árvore.

O Diretor, em ligeiras palavras, parabenizou o «Centro Social Guia Lopes», pelo sucesso destas comemorações, concitando-o a prosseguir na sua tarefa com a mesma dedicação e carinho demonstrados.

Exmo. Sr. Diretor;
Senhores Professores;
Prezados Alunos;
Meus Senhores;

Não só no momento presente, mas, em toda a história da humanidade, encontramos a árvore como amiga e companheira inseparável do homem.

O Éden, o nosso paraíso perdido, segundo o Gênesis, era todo ele repleto de árvores floridas e frutíferas, e, entre estas, vicejava a árvore do bem e do mal, cujo fruto fora proibido pelo Criador.

Mais tarde, quando os homens se esqueceram do verdadeiro Senhor, vemos as árvores servindo de igrejas aos deuses do paganismo. Atribuíam uma árvore sagrada a cada divindade. Assim é que, o carvalho pertencia a Júpiter, a videira a Baco e outras. As árvores, portanto, foram os primeiros templos.

Não muito longe da gruta de Getsemani, exiete, ainda hoje, um recanto sombreado por sete oliveiras — é o Jardim das Oliveiras. De imensas raízes e troncos fabulosos, estes sete gigantes que desafiaram dezenove séculos, são as mesmas árvores, sob as quais, Jesús repousou e chorou...

E, aquelas raízes, orvalhadas e fecundadas pelas últimas lágrimas que o Mestre chorou sobre a terra, ainda, nos dão frutos e sombra; são como sete livros abertos, que falam com ternura à alma cristã.

Depois... aparece-nos o mesmo doce Jesús em um tronco... é o Lenho Santo, a Árvore da Cruz, o Sinal da nossa Redenção.

É sempre a árvore em todos os nossos momentos — quer sejam ordinários, quer sejam extraordinários, como — o Senhor falando a Moí é numa sarça ardente, ou, quando, a azinheira, erguendo os ramos aos céus, recebeu a Virgem de Fátima.

E, por fim, como o mais suave lenitivo, lemos nas últimas páginas das Sagradas Escrituras, a promessa de uma árvore:

«a Árvore da Vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as suas folhas são para a saúde das nações».

Por tudo quanto foi dito por mim e pelos demais oradores, concluo-se que a árvore, bem merece o nosso devotamento e o título de «Símbolo da Vida».

Ao de leve, queremos lembrar aos prezados ouvintes, que, por decreto de Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, o ipê-amarelo é considerado a Árvore Padrão do Brasil.

Aproveitando esta ocasião, por demais oportuna, sugerimos à família da Agrotécnica, que seja acrescentado nas avenidas ou jardins desta Escola, mais um fino ornamento — o IPÊ-AMARELO, a árvore brasileira, que tão bem representa a fertilidade do nosso solo.

Na primavera, quem vai a Colatina, pela estrada de rodagem, sente-se entadado com a monotonia da paisagem. Porém, na virada do morro, antes do povoado de São Roque, tudo se transforma repentinamente.

Um exuberante ipê-amarelo surge aos nossos olhos como um autêntico milagre.

É um encantamento!

Amarelo, que nos lembra a bandeira querida, não sabemos se é ouro em flocos caindo do céu, ou, se ouro nos beribitões jorrando do chão...

MARIA DE SOUZA HERZOG